

GÊNERO, EDUCAÇÃO, POLÍTICA E SINDICALISMO: A TRAJETÓRIA DE MARGARIDA MARIA ALVES SEGUNDO ANA PAULA ROMÃO

Ramon Bezerra de Souza – ramonsouza65@gmail.com - UEPB

Resumo: O referente artigo tem por objetivo realizar uma análise da obra de Ana Paula Romão de Souza Ferreira, *A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: Entre e o velho e o novo sindicalismo rural* (2010). A autora no decorrer da obra, para além da pretensa discussão sobre a trajetória de vida, representações e simbolismos acerca da figura de Margarida, faz uma série de reflexões sobre questões de gênero e o papel social desempenhado pela mulher, principalmente as mulheres do campo; sobre a importância que a EP (Educação Popular) desempenha na formação de uma consciência coletiva, voltada para a valorização da *experiência* – fazendo uso das noções de experiência presente em Thompson (1981) - como principal foco de aprendizado; e sobre o processo de transição entre o Velho e o Novo Sindicalismo Rural, demonstrando como as práticas de ação de Margarida estavam justamente inseridas nesse contexto de transição, onde faziam deslocamentos de um para o outro no decorrer de sua trajetória. Tais tipos de sindicalismo são bem abordados pela autora e nos fazem estabelecer um exercício de debate sobre as continuidades e discontinuidades, sobre o que ainda persiste e nos novos atores que fazem parte do sindicalismo rural e das lutas sociais no campo. A partir desses focos de discussão, busco salientar a importância dessa obra no tocante a aspectos relativos a estudos sobre tais temáticas, e nas contribuições que a mesma trás aos campos de gênero (referente aos conflitos no campo), a EP e ao campo dos estudos sobre as práticas sindicais no campo.

Palavras – Chaves: Gênero, EP, sindicalismo rural.

Abstract: The related article aims to perform an analysis of the work of Ana Paula de Souza Ferreira Romão, the political-educational trajectory Alves: *Between the old and the new rural unionism* (2010). The author in the course of the work, for in addition to the alleged increasing discussion about the history of life, representations and symbolisms about Daisy figure, makes a series of reflections on gender issues and the social role of women, especially rural women ; about the importance of the EP (Popular Education) plays in the formation of a collective consciousness, focused on valuing the experience - making use of this experience notions Thompson (1981) - the main focus of learning; and the process of transition between the Old and New Rural Unionism, showing how Margaret action practices were just inserted in this context of transition, where were shifts from one to another in the course of his career. These types of unions are well addressed by the author and make us establish an exercise of debate on the continuities and discontinuities, of which still persists and new actors who are part of the rural labor movement and social struggles in the field. From these discussion focuses, I seek to emphasize the importance of this work in relation to aspects of studies on such issues, and the contributions that the same behind the gender field (referring to the conflicts in the field), the EP and the field of studies on trade union practices in the field.

Keywords: Genre, EP, Rural unionism.

INTRODUÇÃO

SOBRE A AUTORA E A OBRA

Ana Paula Romão de Souza Ferreira possui Graduação em História (2002), Mestrado (2005) e Doutorado (2009) em Educação, pela Universidade Federal da Paraíba. Ex-bolsista da Fundação Ford (mestrado), com curso de aperfeiçoamento no Estado do Arkansas (EUA). É professora Adjunta II, no Departamento de Habilitações Pedagógicas, no Centro de Educação da UFPB (2008), onde, também exerceu o cargo de vice coordenadora do Curso de Pedagogia do Campo (2009-2011). Tem experiência profissional anterior na Educação Básica e no Ensino Superior, atua nos seguintes temas: Metodologia Científica, Política Educacional e Educação e Diversidade Cultural, nos cursos de: História, Pedagogia, Pedagogia do Campo e Ciências Naturais. Foi consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), como avaliadora de políticas públicas implementadas pelo MEC/Brasil, com ênfase na gestão do Ensino Médio e na educação antirracista.

Ex-Bolsista de produtividade em extensão do CNPq, categoria EXP - 3 - na condição de supervisora do projeto “Formação de educadores do Campo na Paraíba” (Edital MCT/CNPq/MDA/INCRA nº 04/2009 -2011/PRONERA). Integrante da Comissão Nacional Camponesa da Verdade. Atua também no corpo docente do mestrado profissional em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação do Ensino Superior (MPPGAV/CE/UFPB).

A tese “A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: entre o velho e o novo sindicalismo rural” é uma continuação da pesquisa de mestrado feita por Ana Paula Romão de Souza Ferreira, apresentada no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, na linha de Movimentos Sociais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em educação. O texto busca fazer reflexão sobre a formação político-educativa de Margarida no limiar dos movimentos sociais e, de forma mais focalizada, no sindicalismo rural, além de tentar compreender a disputa de representações sociais vivenciadas sobre a sua experiência política, como alguém presente nos movimentos sociais, até mesmo, simbolicamente, após sua morte. Para realizar tais discussões a autora traça sua escrita a partir de conflitos político-sindicais-partidários e das próprias lutas reivindicatórias de Margarida, diante da cultura

predominantemente oligárquica da região (Brejo paraibano), durante as duas últimas décadas do século XX, analisando os discursos presentes em documentos, jornais e falas de pessoas que conviveram com ela. Através desse exercício, podemos identificar alguns traços de rupturas entre o velho e novo sindicalismo rural, e como essas rupturas e certas continuidades se fazem presentes nas práticas e representações de Margarida em sua trajetória.

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS E FONTES UTILIZADAS

Para fundamentar teoricamente a pesquisa, Romão faz usos da História Social e da Nova História Cultural, ao qual separa alguns trechos da obra para fazer uma rápida reflexão sobre ambas as correntes teóricas. Num dado momento, a autora dialoga sobre o contexto de cada corrente historiográfica, e suas interseções na escrita da história. Traça uma perspectiva sobre o Positivismo, o Marxismo e o Estruturalismo, para demonstrar que a História Social veio como uma crítica ao Estruturalismo, retomando o Marxismo (em seu sentido de sujeitos históricos), mas não enfatizando o *homo economicus* e sim, o *homo socialis*.

As obras de Thompson (1987) – (1981) são de grande influência para Romão, onde o texto apresenta certas semelhanças com as abordagens do autor, principalmente no tocante a questão da experiência e ação coletiva para a compreensão do processo de luta de classes. A luta surgiu antes da classe e foi a luta (a experiência) que construiu a classe. É através dessa noção de experiência que a autora estabelece a discussão acerca dos processos de aprendizagem por via da EP, e a interação dessa noção com a educação política no contexto de formação do sindicalismo rural do brejo. Também existe um diálogo com Hobsbawn (1986) – apontamentos sobre movimentos sociais - e Gramsci (1999) – no sentido educativo das próprias lutas emancipatórias.

Nas articulações com a Nova História Cultural (terceira fase dos Annales), a autora dialoga com a história vista de baixo e o conceito de representação, assim como certas fontes de estudos sobre mulheres, como Perrot (1998). No que se refere ao conceito de representação, nos é apresentada noções de Chartier (1990) e, que nos trás o conceito de representação como um símbolo ou signo (onde o dado imaterial passa a fazer parte do dado material).

Romão faz uso de um diálogo entre a construção teórica e a metodologia das fontes, onde utiliza bibliografias, documentos e entrevistas. Esses documentos são provenientes dos sindicatos rurais, da CPT e do MMT, assim como materiais pedagógicos do CENTRU sobre apontamentos no presente. Na História Oral (sendo utilizada como técnica) são entrevistados: 05 camponesas, 04 ex-assessores do CENTRU e 02 sindicalistas atuais. Fontes documentais jornalísticas também são utilizadas (Correio da Paraíba, o Norte e a União).

DESENVOLVIMENTO

Nos primeiros passos do texto, Ana Paula Romão nos apresenta um pouco da sua própria história, e isso nos demonstra a subjetividade óbvia presente na escolha da temática. Visto que a autora possui estudos na área de gênero, e também se fez presente em militâncias, com um passado pobre e com alguns problemas familiares, a sua inserção em movimentos que buscavam uma maior representatividade feminina em campos sociais e políticos, nos faz perceber uma ligação íntima entre autor e objeto de pesquisa. O seu texto surge com um caráter de construção de uma memória camponesa feminina, com representações e símbolos próprios, em seu protagonismo no espaço e tempo abordado, onde além de construção de memória, que exista também uma construção de experiência educativa. Através dos relatos experimentados por outros/outras sujeitos dos movimentos sociais, os novos sujeitos poderão ser dotados de um aprendizado mais amplo, com o auxílio dessa experiência. O relato de experiência trazido pela autora é o de Margarida Maria Alves, de alguns sujeitos históricos presentes em sua trajetória político-educativa e nos preâmbulos dos movimentos sociais do campo no brejo paraibano.

Margarida Maria Alves nasceu em 05 de agosto de 1933, e morreu em 12 de agosto de 1983, vítima de uma emboscada patrocinada por usineiros e latifundiários da região do brejo paraibano, que faziam parte de um grupo chamado “Grupo da Várzea”. Seu pai trazia traços indígenas e sua mãe era negra, e Margarida carregou aspectos das duas etnias. Começou a estudar aos 6 anos no sítio agreste, onde chegou até a 4º série, e aos 8 anos já trabalhava no campo, casou-se em 1971 e teve um filho em 1975.

Margarida teve participação no sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Grande durante 23 anos, dos quais 12 desempenhou papel na liderança do mesmo. Durante sua trajetória, estreitou relações com outras mulheres camponesas, que se engajaram na luta campesina, num espaço marcado por pouca atuação feminina. Uma dessas camponesas, chamada Maria da Penha do Nascimento Silva descreve a personalidade de Margarida como uma mulher humilde, com forte ligação com a terra, forte e meiga, com capacidade de falar e de escutar aos demais.

Um aspecto essencial da formação de Margarida, e que nos é apresentado por Ferreira é a questão do seu forte laço com a igreja, e esse seu caráter religioso se reflete no fazer político da líder sindical. Sobre a sua relação com a Igreja católica, temos esse seguinte posicionamento de Margarida, citado por Rocha (1996), em uma matéria jornalística:

[...] eu me lembro que, em 1962, quando o sindicato foi fundado, se falava muito nas ligas camponesa, em jornada de trabalho, que o trabalhador trabalhava dez, onze, doze horas. As Ligas estavam falando a verdade. Mas o padre não dava apoio às Ligas. E como eu era muito religiosa, aí não fiquei com as Ligas. Mas sempre achando que as Ligas tinham razão. Então a Igreja ajudou a fundar os sindicatos dizendo que os sindicatos eram desejo do Papa João XXIII. Veio a Revolução de 64. Foi um pega fogo, foi nego preso, morto e perseguido. Cassimiro foi perseguido, mesmo sendo do sindicato do padre. Cassimiro ficou doente dos nervos, pois ele ficou sozinho. A Igreja tirou o pezinho de banda, como se diz. “Fica aí, agora, Cassimiro, que não tem mais problema”. A Igreja ficou do lado latifundiário, entendeu? (ROCHA *apud* FERREIRA, 2006, p.71).

Podemos perceber diante da fala de Margarida, que mesmo tendo certo vínculo religioso, e mesmo a Igreja por diversas vezes auxiliando na conjuntura das lutas no campo, houve certo afastamento do órgão religioso diante da nova situação política. Isso fez com que Margarida tivesse que se associar a novas vertentes, como por exemplo, fez parte de uma parte mais reacionária e progressista da Igreja, a CPT – Comissão Pastoral da Terra, criada em 1975 e com influência da teologia da libertação.

O caráter político por vezes considerado dúbio da sindicalista também foi posto em discussão pela autora. Segundo algumas fontes orais consultadas, Margarida chegou a ser simpatizante do PDS (Partido Democrático Social), partido já extinto que substituíra a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), criada pela Ditadura Militar. Ela dividia práticas emancipatórias e conservadoras, onde podemos perceber um choque entre dois modos de sindicalismo, o antigo (pelêgo – marcado por práticas aliancistas) e

o novo (reacionário e emancipatório). No decorrer da sua trajetória, porém, os princípios ideológicos dela caminhavam na contramão do PSD. Mas embora possamos encontrar traços dessas duas representações do seu fazer político, o que realmente ficou marcado na representação coletiva de Margarida foi sua luta na organização de campanhas. Essas campanhas, que despertavam uma grande insatisfação por parte dos oligarcas, se constituíam de reivindicações salariais, defesa da terra, busca por uma educação política para o homem do campo, direitos para as mulheres, exploração do trabalho infantil, dentre outras.

Margarida teve participação na construção do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (CENTRU), tendo por objetivo o desenvolvimento da formação na perspectiva da Educação Popular (EP). Margarida Alves percebeu que os princípios político-pedagógicos de uma sociedade devem estar constituídos e identificados com a sua história e realidade, ou seja, acreditava na educação como forma de transformação social. As práticas educativas estão mencionadas de forma histórica e simbólica, pois a sua trajetória política e a sua referência de massa, além do que foi desencadeado após o seu assassinato, possibilitam reflexões e ações diretas na composição de um aprendizado popular.

A transição, tanto na sua trajetória, como em transições que estavam ocorrendo no contexto da época, entre práticas e ideologias que refletem aspectos do Velho e o Novo sindicalismo Rural, é de importante foco na tese de Ferreira:

A experiência política de Margarida Maria Alves pode ter sido contraditória ao conviver com práticas sindicais que oscilavam entre o velho e o novo sindicalismo rural. Vivenciou um período de transição disputado por forças hegemônicas contrárias, em vários campos sociais, econômicos e culturais. Disputas estas que estavam vinculadas a vários fatores: à relação capital versus trabalho, representada pela dicotomia trabalhador/a rural versus latifundiário; às concepções no campo partidário mundial, direita versus esquerda, especificamente, das décadas de 1970-1980, período auge da Guerra Fria. E, finalmente, à transição política do próprio Estado brasileiro, ditadura versus democratização. Sendo assim, podemos percebê-la, no centro dessas disputas da seguinte forma: como uma expressão forte no movimento sindical que combatia veemente as oligarquias e lutava por direitos trabalhistas da classe trabalhadora. Inclusive, passando a refletir, teoricamente, a sua situação de exclusão social através da Formação Política desenvolvida pelo CENTRU e SEDUP. (FERREIRA, 2010 p. 22).

A autora nos apresenta uma análise que foca nas representações acerca da figura de Margarida Maria Alves, em suas contradições, formação, ideologias e práticas.

Vendo-a muitas vezes como uma heroína/mito/símbolo, principalmente no que se enquadra na questão da experiência como prática educativa, onde a mesma seria um exemplo para tal execução no processo de ensino aprendizagem no âmbito de EP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi traçar uma reflexão acerca da tese de Ana Paula Romão de Souza Ferreira acerca das representações sobre Margarida Maria Alves em meio à transição do Velho e o Novo sindicalismo rural, fazendo apontamentos sobre sua formação político-educativa e como isso se refletiu na sua trajetória de vida. Embora nos forneça uma visão por muitas vezes considerada mítica da figura de Margarida, porém, realçando suas dualidades ideológicas. A partir dessa análise, podemos obter um maior deslumbre sobre pontos importantes mencionados pela autora, tanto num contexto geral do Brasil, como no ambiente específico do Brejo, assim como algumas considerações teórico-metodológicas feitas de forma muito bem colocada pela autora. Desde a utilização da História Oral, até o uso de fontes jornalísticas, a tese se mostra de importante ferramenta de aprendizagem, de leitura prazerosa e construtiva. A autora dialoga com História Social e a Nova História Cultural, mas sempre as articulando, onde uma complementa a outra de maneira satisfatória. A tese contribui não só para uma construção de maiores saberes sobre os movimentos sociais no campo, como também para a construção de uma memória acadêmica voltada para presença da luta das mulheres no sindicalismo rural, num ambiente marcadamente instituído de maioria masculina.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: **Estudos Históricos**. nº 13. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1994. 7v.
- _____. **A história cultural: entre práticas e representações**. In.: (Trad.). GALHARDO, Maria Manuela. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FERREIRA, Ana Paula R. S. **A trajetória Político-educativa de Margarida Maria Alves: Entre o Velho e o Novo sindicalismo rural**. João Pessoa, 2010.
- FERREIRA, Ana Paula R. S., SILVEIRA, Rosa M. Godoy. A questão de terras na Paraíba. In: SOUZA, Maria de Fátima Vanderlei. 9ª série. **Iniciados: 11º Encontro de Iniciação Científica**, João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.
- _____. **Margarida, Margaridas: Memória de Margarida Maria Alves (1933 – 1983) através das práticas educativas das Margaridas**. João Pessoa: ed. Universitária, 2006.
- GRAMSCI, Antônio. In.: BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci: e o conceito de sociedade civil**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1996.
- _____. **A História nova**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- _____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- ROCHA, Guilherme Salgado. **Margarida Alves**. Coleção construtores da justiça e da paz. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1996.
- THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro. Zahar, 1981.